

A coexistência da semiótica entre a narração e a dissertação: exemplos da literatura modernista de Oswald de Andrade ¹

Aldilene Clemente da SILVA²

José Aloisio Nunes de LIMA³

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Visando a necessidade de comunicadores sociais, como o exemplo dos jornalistas, lidarem cotidianamente com notícias, valendo-se de narrações factuais para divulgar informações. Portanto a linha de estudo utilizada para elaboração deste artigo foi a semiótica Peirceana, da qual a semioticista Lúcia Santaella extraiu as bases para escrever *Matrizes da linguagem e pensamento: Sonoro, Visual, Verbal*. Obra em que conceitua a narração, dando a mesma submodalidades. Exatamente o que foi empregado como foco para análise de fragmentos da obra do escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro: Oswald de Andrade. Buscando assim os aspectos narrativos e dissertativos definidos por Santaella levantou-se a pergunta: Será possível encontra-los na literatura do autor escolhido para análise? Esta foi respondida surpreendentemente.

Palavras-Chave: Narração, Dissertação, Semiótica

INTRODUÇÃO

As linguagens são extraordinárias e possuem poder multiplicador. Estão em constante evolução. É importante que haja uma adaptação a dinamicidade linguística. Mas este trabalho aborda apenas a linguagem verbal em sua forma textual e sob ela aplica uma nova linha de estudos: a semiótica Peirceana.

Semiótica é a ciência que estuda a linguagem em signos, nascida com o filósofo Charles Sanders Peirce. O que é signo? Em termos gerais algo que, independente de espécie ou estado, representa algo para alguém. O que ocorre quando ele cria na mente um signo equivalente, chamado interpretante do primeiro signo. Depois representa alguma coisa, o objeto. Porém este não é representado em todos os seus aspectos, mas sim referente à ideia que fundamentou o signo. Desse modo signo pode ser toda e qualquer coisa.

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante do 5º. semestre do Curso de Jornalismo do COS-UFAL, email: aldilenelemente@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do COS-UFAL, email: nunes.aloisio@uol.com.br ;

Da fenomenologia e teoria dos signos de Peirce, Lúcia Santaella⁴ extraiu os argumentos que sustentam sua teoria⁵ das três⁶ matrizes da linguagem. A qual ressalta a mistura entre linguagem e signo como regra de vida. Ações rotineiras como ouvir (sonora) músicas no celular, visualizar (visual) fotos no instagram e ler (verbal) um jornal são exemplos que correspondem à teoria. Comprovando que, percebendo ou não, todos estão imersos em linguagens e signos.

O objetivo da teoria é compreender como os signos se formam e como as linguagens e meios se misturam. Um vasto e complexo sistema que este trabalho não tem pretensão de abarcar. Se aprofundará apenas em um dos segmentos: a matriz verbal. Que igualmente as demais possui três categorias: descrição, narração e dissertação. Das quais se restringe a narração e a dissertação para analisar fragmentos da obra de Oswald de Andrade.

Primeiramente foi realizada uma introdução a semiótica peirceana. Depois a explanação da semiótica aplicada a linguagem verbal e suas submodalidades em Lúcia Santaella. Sendo finalizado com a análise de alguns livros da obra de Oswald de Andrade sob os conceitos explorados anteriormente. Comprovando, portanto, a presença de tais da maioria das definições abordadas na literatura modernista do autor escolhido para análise.

OBJETIVOS

Em geral: realizar a leitura da literatura modernista de Oswald de Andrade sob a luz da semiótica Peirceana. Adotando como modelo de análise os tipos de narração e dissertação em conjunto com suas categorias, descritos por Lúcia Santaella, na modalidade de texto verbal. Especificamente: a) aprofundar conhecimento na obra de análise; b) possibilitar ao estudante de jornalismo o exercício do texto narrativo e dissertativo; c) aplicar a classificação de linguagem verbal de Lúcia Santaella; d) gerar um núcleo de estudos semióticos.

METODOLOGIA

Na elaboração desse artigo foi empregada a pesquisa bibliográfica. Através da qual se realizou a leitura científica informativa a respeito da semiótica Peirceana, narração e dissertação de Lúcia Santaella. Com intuito de absorver conhecimento e posteriormente

⁴ Semioticista, uma das principais divulgadoras de Peirce no Brasil.

⁵ Ver *Matrizes da Linguagem e Pensamento Sonora Visual Verbal*.

⁶ Sonora, visual e verbal.

aplica-lo sobre a obra de Oswald de Andrade. Portanto a metodologia se dividiu em duas etapas: 1) Aprender a semiótica no aspecto da linguagem verbal narrativa e dissertativa; 2) Iniciar o trabalho prático aplicando a tipologia do texto verbal escrito, no seu aspecto de texto verbal narrativo e dissertativo, a obra completa do escritor escolhido para análise. O que ocorreu por meio da leitura acompanhada de anotações e transcrições de cada parte textual da obra que apresentou as características narrativas e dissertativas descritas por Santaella.

DESENVOLVIMENTO

Introdução à semiótica peirceana

A semiótica foi fundamentada por Charles Sanders Peirce. É a ciência que estuda as linguagens em signos. Se encontra totalmente baseada em três categorias universais: Primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeira está associada à qualidade de sentimentos; a segunda, ao fato da ação e reação; a terceira, a representação do signo. Sendo essa última o principal seguimento da semiótica.

Um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente de tal modo que, de certa maneira, determina, naquela mente, algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediata é o objeto pode ser chamada de interpretante. (PEIRCE CP 6.347 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 43).

No signo há três interpretantes: o imediato, tudo que o signo está apto a produzir como efeito; o dinâmico, efeito que o signo produz na mente de seus intérpretes; e o interpretante final, modo como a mente reage. Na mesma proporção existe a classificação dos signos: quali-signo, uma qualidade; sin-signo, algo concreto existente; e legi-signo, algo de natureza geral com caráter de lei. Este último quando em relação com o objeto do signo será então um símbolo: signos que funcionam como tal. “[...] simplesmente em virtude de serem representados como sendo signos”. (PEIRCE CP 8.119 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 263).

O estudo dos signos diz respeito ao primeiro ramo da semiótica, mas ela divide-se em três segmentos: (1) é gramática pura ou especulativa, que em sentido amplo, possui a função de estudar a fisiologia de todos os signos, sendo seu segmento mais famoso. (2) Lógica crítica, que em sentido estreito, tem por função a investigação da força

comprobatória de cada tipo de argumento lógico. (3) A retórica especulativa ou metodêutica, esta faz um estudo teórico sobre condições de relação de símbolos com outros símbolos e seus interpretantes, para testar a eficácia semiótica.

A semiótica aplicada à linguagem verbal por Lúcia Santaella: o aspecto narrativo

Na matriz verbal faz parte do estudo dos signos. Nela se encontram os princípios organizadores do discurso: descrição, narração e dissertação. A classe de signo que a fundamenta é a legi-signo simbólico argumental. A qual funciona como regra determinante de seu interpretante. “[...] o legi-signo é um signo considerado no que diz respeito a um poder que lhe é próprio de agir semioticamente, isto é, de gerar signos interpretantes”. (Ransdell 1983:54 apud Santaella, 2013, p. 262).

A linguagem verbal é o maior exemplo da classe do legi-signo. “[...] Por pertencerem ao sistema de uma língua, as palavras são interpretadas como representando aquilo que representam por força das leis desse sistema [...]”. (SANTAELLA, 2013, p. 262). As palavras passam a existir por meio de manifestações às quais Peirce denominou “réplicas”.

No nível do discurso o signo é interpretado como argumento. Suas réplicas são sin-signos dicentes. Explicando em Peirce (apud SANTAELLA, 2013, p. 262) a palavra “homem” é apenas a réplica ou materialização da palavra sendo pronunciada ou escrita. A palavra em si não existe, ela precisa de uma lei adquirida para formar a réplica que será interpretada significando um homem.

O discurso ou texto é uma cadeia de signos que se combinam, onde a mensagem verbal pode ser oral ou escrita. Ele é construído e sustentado sobre estruturas narrativas, visto que a narração é a principal modalidade da matriz verbal. Definida como universo do fazer, envolve ações que se confrontam gerando histórias diversas na constante dos conflitos.

Defino a narração como o universo da ação, do fazer: ação que é narrada. Portanto a narrativa em discurso verbal se caracteriza como o registro linguístico de eventos ou situações. Mas só há ação onde existe conflito, isto é, esforço e resistência entre duas coisas: ação gera reação e dessa interação germina o acontecimento, o fato, a experiência. Aliás, aquilo que denominamos personagem só se define como tal porque faz algo (Segolin 1978). E os movimentos desse fazer só se processam pelo confronto com ações que lhes são opostas, que lhes opõe resistência. Isso gera história:

factual, situacional, ficcional ou de qualquer outro tipo [...].
(SANTAELLA, 2013, p.322)

Para compreender a narração é necessário conhecer a sequência narrativa. “[...] uma série lógica de núcleos unidos entre si por uma relação de solidariedade: a sequência abre-se, assim que um de seus termos não tenha antecedente solidário e se fecha logo que um de seus termos não tenha mais conseqüente”. (PROOP; BARTHES apud SANTAELLA, p. 325). Por exemplo, a palavra “consumação” é acompanhada de uma sequência narrativa, envolve: pedir, esperar, receber e consumir, para finalizar pagando o que foi consumido.

Assim como as tríades Peirceanas a narração se divide em três submodalidades: espacial, sucessiva e causal. Cada uma dessas partes também se subdividem dando origem a mais três seguimentos. Pode-se especificar as modalidades da matriz verbal e suas submodalidades do seguinte modo:

Narração espacial aquela que não apresenta linearidade, onde os fatos não se encadeiam sequencialmente. Subdividida em: **1) Espacialização icônica**, apresenta semelhança entre o espaço do que é narrado com o espaço interno desenhado pelas relações das sequencias narrativas; **2) Espacialização indicial**, o modo de contar sinaliza índices relativos ao que se conta, apontando o fim do conflito; **3) Espacialização simbólica**, a narrativa se ambienta em um espaço que não pode ser entendido literalmente, pois é preciso saber do que o símbolo se nutre.

Narração sucessiva caracterizada pelo fato da relação entre as sequências da história ser de ordem cronológica. Subdividida em: **1) Descompasso temporal**, onde o narrador sai do tempo real da narração para analisar o interior do conteúdo narrado; **2) Grau zero narrativo**, quando a narração chega ao fim caso o narrador-personagem seja morto; **3) Sucessividade cronológica**, procura reduzir o acontecimento a linha da sua temporalidade. A cronologia dos fatos faz o acontecimento e ações são narradas uma após a outra.

Narração causal possui uma ligação entre consecução e consequência, o tempo e a lógica. Suas submodalidades são: **1) Causalidade difusa**, quando se procura uma causa absoluta que está ausente na narração; **2) Causalidade imediata**, relacionada às ações que a narrativa mantém entre si ou com traços de personalidade dos personagens. Uma ação determina outra de forma imediata, estabelecendo relação de causa/efeito dando continuidade a história; **3) Causalidade mediatizada**, quando a ação sequencial surge para

ligar, por meio de vias mediatizadas, a causa e a consequência. Nela se sabe o efeito e não a causa.

A semiótica aplicada a linguagem verbal por Lúcia Santaella: o aspecto dissertativo

A dissertação costuma ser considerada acompanhante dos textos narrativos dentro da literatura. Quando comparada a narração e a descrição é vista como uma espécie de prima pobre. Segundo Santaella, em *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonoro, visual, verbal*, a palavra “dissertação” sequer entra em dicionários e enciclopédias linguísticas, no contexto didático, não há uma teoria para esse termo.

A forma de aproximar a dissertação da descrição e narração é dando-lhe o conceito de argumentação. O qual possui ligação com a retórica de Aristóteles no que se refere à teoria de argumentos aproximativos, condimentados para efeitos comunicativos. Também para a persuasão pela qual fiações da lógica se enlaçam indissolivelmente ao psicológico. Visto que:

“[...] A retórica aristotélica é, sobretudo, uma retórica da prova, do raciocínio, do silogismo aproximativo ou entimema. É assim uma lógica deliberadamente degradada, adaptada ao nível do público, quer dizer, do senso comum, da opinião corrente.” (BARTHES 1970:179 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 340)

Os argumentos são modos realizados por dedução. “Um raciocínio que fornece uma demonstração, que permite inferir uma coisa de outra e confirmar aquilo que é duvidoso através do que não se duvida”. (QUINTILIANO *apud* SANTAELLA, p. 341, 2013).

Para Chatman (1990 *apud* Santaella, 2013 p. 344), enquanto narrações lançam-se como ação lógica apenas no tempo, a descrição e a argumentação são atemporais. [...] enquanto as descrições tornam visíveis ou imagináveis as propriedades dos objetos, os argumentos destinam-se a provar a validade das proposições [...]. Sobre este ponto Santaella esclarece que a modalidade dissertativa não se reduz ao discurso argumentativo.

Desse modo, Santaella propõe uma abordagem semântica do termo “dissertação” para ampliar seu significado. Restringindo a ação apenas a linguagem escrita, por ser onde as características da dissertação se apresentam de forma ideal. O que se deve ao fato de a linguagem escrita possuir um caráter autocontrolado.

Partindo da categoria peirceana da terceiridade Santaella chega a definição da dissertação. “[...] a dissertação é a linguagem das fórmulas genéricas e convencionais. Uma formulação genérica determina a próxima, ou seja, o significado de uma fórmula é a fórmula subsequente”. (SANTAELLA, 2013, p. 345).

Uma definição rigorosa do discurso dissertativo torna-se mais fácil baseando-se no conceito peirceano de raciocínio diagramático, isto é, do pensamento lógico e especialmente dedutivo. “[...] Para Peirce, pensar é uma espécie de ação. Raciocinar é uma ação deliberada, autocontrolada, autocriticada [...]”. (CP 8.191 *apud* SANTAELLA 2013, p. 346).

A configuração de uma dissertação pode ser comparada a uma complexa malha diagramática, principalmente, em questão de organização. Expressões como “similarmente”, “contrariamente”, “por outro lado” comuns em dissertações, funcionam apenas como sinalizadoras das inflexões do raciocínio. Elas desenhando pensamentos e ideias.

No raciocínio diagramático, o ícone possui uma função operacional, estritamente ligada a experimentação diagramática. Nesse processo a motivação para construção do diagrama é a dedução. Com esse e outros motivos Santaella explica que a mais fiel definição de dissertação vem da sua caracterização como diagrama de relações inteligíveis. Mas o foco neste trabalho é a dissertação do discurso verbal, a dissertação conjectural.

A modalidade dissertativa do discurso verbal, no seu primeiro nível, isto é, nível de primeiridade, nasce do raciocínio abduutivo e recebe o nome de dissertação conjectural ou meramente hipotética. A abdução consiste basicamente nas operações do raciocínio, ou melhor, quase raciocínio responsáveis pela formulação de hipóteses explicativas para as coisas, constituindo em examinar uma massa de fatos e permitir que esses fatos sugiram uma teoria. (CP 8.209 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 351)

Há uma relação da **dissertação conjectural** (nascida do raciocínio abduutivo), e suas submodalidades com as categorias peirceanas. A abdução consiste na operação do raciocínio e é responsável pela formulação de hipóteses explicativas para as coisas. Ela consiste no exame de uma massa de fatos permitindo que esses sugiram uma teoria. Está mais próxima da conjectura do que do raciocínio. Suas submodalidades são:

Conjectura flutuante: Quando o pensamento passeia e agarra a verdade no ar. É o material que faz a abdução quando produzida pela sensibilidade de poetas e artistas;

Conjectura factual: A conjectura ou explicação hipotética é impulsionada por um fato

saindo do modo flutuante para ancorar em fatos, mas sem perder a espontaneidade da emergência abduativa; **Conjectura conceitual:** A conjectura transita entre conceitos, sugerindo conclusões inacabadas, suspensas na incerteza diante da complexidade existente nas coisas, na vida e mundo.

Para que fique claro, a indução é um raciocínio que leva a verdade ao longo do tempo e assume o que é verdadeiro. Sua função é “[...] substituir para uma série de objetos, penas um que os engloba e um número indefinido de outros” (CP 5.275 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 358).

Para melhor compreender as submodalidades da **dissertação relacional** é preciso ter uma noção da indução nos três tipos existentes. São eles: 1) Indução crua: nega que um tipo geral de evento irá acontecer, tendo como fundamento que tal fato nunca ou raramente aconteceu. 2) Indução quantitativa: apresenta a forma para determinar o caráter do indivíduo de modo a utilizar indivíduos da classe P para determinar caráter Q, toma-se uma mostra de Ps e sua proporção de Q para sugerir que a classe P apresenta a mesma proporção. 3) Indução qualitativa: a mais útil dos três tipos, envolvida na verificação e confirmação de uma hipótese.

Inspirada nesses três tipos de indução Santaella subdividiu a **dissertação relacional** em: **Comentário dos fatos:** Discurso que transforma fatos em ideias, criando um tecido de pensamentos em torno dos mesmos (relação com o primeiro nível de indução); **Uso dos exemplos:** Quando o discurso recolhe exemplos da experiência para fortalecer as ideias que defende rumo a uma conclusão aceitável (relação com o segundo tipo de indução); **Generalização empírica:** Discurso baseado em dados geralmente estatísticos, frutos de contato ou experiência com coletas do universo, os quais são tomados como seu objeto ou referência (corresponde ao terceiro modo de indução).

A terceira modalidade da dissertação é correspondente a sua forma mais legítima: a **dissertação argumentativa**. Esta ocorre quando o discurso verbal está intimamente ligado aos mecanismos do raciocínio dedutivo. Na dedução parte-se de uma hipótese cuja verdade ou falsidade não tem nada a ver com o raciocínio, sendo as conclusões geralmente ideias. Sua função é provar o que algo deve ser, pois é um método de predição de fenômenos. Com tudo Peirce concluiu que “todo raciocínio válido é de fato diagramático”. (CP 1.054 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 361).

O fato é que em toda dissertação há um germen argumentativo, o que sustenta a postulação de que toda é um diagrama de relações inteligíveis, porém com uns mais e

outros menos inteligíveis. É considerado argumentativo, todo discurso que parte de formulações conceituais hipotéticas e se encaminha para a comprovação das hipóteses na conclusão. “[...] Desse modo, e segundo Peirce, a conclusão funciona como interpretante do argumento [...]”. (SANTAELLA, 2013, p. 362).

Assim esse é um tipo de discurso terceiro em nível de terceiridade, isso se explica pelo fato de ele não dar margem a outra interpretação senão a que o texto já deixa explícita. Onde o interpretante, produzido na mente do receptor, está expresso no próprio texto, e esse é a conclusão.

[...] considero argumentativo todo discurso que, partindo de premissas, realiza a intenção definitiva de determinar a aceitação de sua conclusão. Portanto o texto que seja capaz de produzir como interpretante a convicção do receptor de que a conclusão é válida. (SANTAELLA, 2013, P. 362)

A dedução é necessária, porém ela não assegura uma conclusão certa e verdadeira. O que se deve ao fato do raciocínio ser demonstrativo, ou seja, se aplicar apenas a estado de coisas e ideias ou estado de coisas reais concebidos idealmente. Portanto explicar os passos da dedução é fundamental para entender a estrutura da dissertação argumentativa.

Existem dois tipos principais de dedução, ambos diagramáticos: a corolarial, representa condições das conclusões no diagrama e determina sua verdade através de observações; e o raciocínio teoremático, que após representar as condições das conclusões no diagrama, faz experimentos sobre ele o modificando, para só então determinar a verdade de sua conclusão. Em resumo: o primeiro limita-se a observar o diagrama e o segundo a fazer experimentos com ele.

A **dissertação argumentativa** se subdivide em: **Argumentação opinativa:** ocorre quando os argumentos são construídos a partir das opiniões do enunciador no que diz respeito ao estado das coisas tratadas em seu discurso; **Argumentação comparativa:** É onde as proposições são deduzidas umas das outras. Ocorre quando a argumentação se aproxima do raciocínio corolarial, gerado da observação das relações das proposições entre si para determinar a verdade de sua conclusão. **Argumentação interpretativa:** Se corresponde com a dedução teoremática. Na passagem do hipotético universo matemático para o do discurso verbal, a argumentação interpretativa guarda um caráter abstrato e generalizante dos conceito que manipula.

Análise: curta introdução a Oswald de Andrade

José Oswald de Sousa Andrade nasceu em São Paulo no ano 1890 e veio a falecer em 1954. Foi um escritor, ensaísta e dramaturgo. Considerado um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro, por escrever grandes manifestos modernistas. Em suas obras busca uma típica linguagem brasileira para valorizar a nacionalidade. De certa forma não era apegado à linguagem literária no modo culto.

Analisando E Aplicando Os Conceitos: A Literatura Modernista De Oswald De Andrade: A Narração

- **Narração Espacial.**

Exemplo de Espacialização Indicial: Livro *Marco Zero II Chão*.

Ele podia ter confiança naquele ser mesquinho e utilitário que queria pôr à prova sua resistência econômica. (ANDRADE, 2008, p. 145)

Era um anjo que ia ao lado dele ou um demônio, o demônio da vulgaridade, da conta de casa, do aluguel e do foxtrote, do chá no Mappim? O demônio recobrando o anjo? (ANDRADE, 2008, p. 146)

- Não... Você está brincando comigo. Se você não tinha dinheiro porque me procurou? (ANDRADE, 2008, p. 147)

*Os trechos são indícios para o fim do conflito entre o Major e Eufrásia. Mostram que a relação não anda bem e se encaminha para o fim.

Exemplo de Espacialização Icônica: Livro *Marco Zero I A revolução Melancólica*.

Sua loja era uma caravela ancorada. Tinha desde o brinquedo colorido da criança e o rolo de arame para cercar a terra, até o fio de linha, a cartilha e a faca de mato. Nas romarias armavam barraca. (ANDRADE, 2008, p. 39)

*A narração é sobre uma loja e segue descrevendo-a. Mostra uma relação de semelhança entre os desenhos, do espaço narrado com o do espaço interno.

Exemplo de Espacialização Simbólica: Livro *Ponta de Lança*.

[...] E uma vez desatada a fitinha verde-amarela que recobre o seu pacote de símbolos, só se encontram nele o Martim Cererê, o Caopora, o Saci e outros ratões que nunca penetraram na corrente folclórica da imagiária nacional. [...] (ANDRADE, 2004, p. 63)

*Narração que apresenta personagens da cultura popular brasileira, do folclore brasileiro, advindas de lendas. Narrativa de teor místico.

- **Narração Sucessiva.**

Exemplo de Descompasso Temporal: Livro *Pau Brasil*.

Tendo pensanteado toda a noite
Assentei passar revista aos Granadeiros
Assim se os enxergar esta tarde no Rossio
Não assente ver Bernarda. (ANDRADE, 2004, p. 120)

*O narrador sai do tempo real da narração para analisar o interior do conteúdo narrado imaginando possibilidades futuras.

Exemplo de Grau Zero Narrativo: Livro *Alma*

A cidade mudara de silhueta. Um vento ríspido agrediu-a. O grande Jesus da torre tutelar do Sagrado Coração dava-lhe as costas. Pensou vagamente em se matar, por vingança, em aparecer boiando nas águas glaciais, como uma Ofélia de gravura. (ANDRADE, 1990, p. 70)

*Neste parágrafo o narrador aponta na personagem Alma (protagonista) uma vontade de tirar a própria vida. Se isso acontecesse a história seria interrompida, pois todo desenvolver da narração gira em torno basicamente de Alma.

Exemplo de Sucessividade Cronológica: Livro *Serafim Ponte Grande*

Ele entra de manso, sentara-se na couchette de Caridad. Conversavam. Ela acordara e dizia asneiras. Ele sentiu-lhe nas mãos as coxas ásperas de virgem, o ventre mole. Apertava o busto nu contra o seu busto peludo. Que suor! Que frio! Um vômito emocional ia sacudi-lo. Abotoou-se. Saiu da cabina, pálido, enquanto ela esperava. (ANDRADE, 1997, p. 143)

*Narração de ações que se sucedem na ordem natural do tempo, descrevem o passo a passo de atos cometidos pelos personagens.

• **Narrativa Causal.**

Exemplo de Causalidade Difusa: Livro *Memórias Sentimentais de João Miramar*

O Martha ia cortar a Ilha Fiscal porque era um cromo branco mas piratas atracaram-no para carga e descarga. (ANDRADE, 2004, p.85)

*No trecho acima o leitor não toma conhecimento do efeito que tal ação causou na história. O efeito fica ausente.

Causalidade Imediata: Exemplo 1: Livro *Dicionário de Bolso*.

7 - 11 Tibério Graco
[...] Assassinado pela nobreza pútrida no [...] por ter gritado [...] quando animam [...] possui lar [...] do mundo mas [...] onde encostar a cabeça! (Ms. III). (ANDRADE, 2007, p. 82)

*A causalidade imediata encontra-se no fato da morte de Tibério Graco ser o efeito provocado pela ação do grito. Assim se estabelece a relação de causa efeito.

Exemplo de Causalidade Mediatizada: Livro *O Santeiro Do Mangue e Outros Poemas*.

Não há possibilidade de viver
Com essa gente
Nem com nenhuma gente
A desconfiança te cercará como um escudo [...]. (ANDRADE, 2012, p. 112)

*Não se sabe a causa que provoca o efeito: sensação de desconfiança. O qual impossibilita a convivência com as pessoas, o trecho cita apenas o efeito.

Analisando e aplicando os conceitos: a literatura modernista de Oswald de Andrade: a dissertação

- **Dissertação Conjectural**

Exemplo de conjectura flutuante: Livro *O Primeiro Caderno do Aluno de Poesia*

CANTO DA VITÓRIA

Sou o potiguara da lenda
O homem cem o homem mil
Fui eu que penetrei na cidade
Em caixão de defunto
Andei vestido de frade e de freira
Tomei café no Triângulo
E de cima de meus aeroplanos
Destruí os ninhos de metralhadoras
Lutei corpo a corpo com a canalha
Na estação de Vila Mariana
E depois de afogada a [...]
Em sangue e lama
Passei no Triângulo.
Com meu uniforme luzido de parada. (ANDRADE, 1994, p. 58).

*O poema apresenta pensamentos vagando pelas ideias agarrando uma verdade que passava em meio a ele, a vitória.

Exemplo de conjectura conceitual: Livro *Dicionário de Bolso*

SÃO PEDRO

(Petrus, na ilegalidade).
Secretário do Sindicato da Pesca de Betsaid (S.P.B.), chefe do comitê de auto-defesa [sic] que agiu no meeting de Getsêmani, 1º. Papa crucificado de cabeça para baixo etc, etc. (ANDRADE, 2007, p. 42).

*Transia entre conceitos e sugere conclusões inacabadas que ficam suspensas na incerteza diante da complexidade.

Exemplo de conjectura factual: Livro *A Escada*.

La tudo calmo e pacífico. Entretanto no íntimo de Jorge um espinho ficara, apostemando-lhe a tranquilidade. A lembrança de Nora inquietava-o. Que seria feito dos olhos amendoados e claros nos cílios irrequietos? Talvez nunca mais pudesse vê-la. Em torno dele crescera de certo a onda dos desafetos, das perseguições encorajadas, dos martírios planejados. Se tivesse permanecido em São Paulo, enlouqueceria talvez pela porta fácil das manias de perseguições. Um amigo que passasse sem lhe tirar o chapéu, uma saudação mais fria, uns olhares indiferentes criavam-lhe na cabeça alarmada uma convicção funesta de desprestígio humano. Sabiam de todas as suas misérias, aumentadas, glosadas num júri perene. Um implacável veredicto parecia acompanhá-lo. Discutiam longamente a sem razão daquela hostilidade nos bancos dos parques, ao vento, na solidão benéfica do seu quarto. (ANDRADE, 1991, p. 36).

*O trecho apresenta uma explicação hipotética, mas com zero embasamento em fatos reais. Isso é evidenciado em como o enunciador expõe um fato e usa suposições a respeito dele. O uso de palavras como talvez e parecia são os indícios.

- **Dissertação relacional**

Exemplo de uso dos exemplos:

“Como cresce o amor nesse exílio. Toda vez que te perco, aumentas de estranha luz, sobes de ímpeto no meu caminho, assombras a minha vida. Nesta persistência demorada de ocaso, assalta-me de novo a ideia dolorosa de perder-te... Em todo pôr-do-sol há um braseiro extinto. É a morte de um dia. E o desaparecimento persistente, nítido e loiro desse grande dia azul de hoje enche-me de mágoa. O teu coração, Mary Beatriz, encerra para mim as promessas simples da vida. Se um ocaso como este me atingir um dia pela tua mão salvadora, permanecerei cego como a noite que baixa e mergulhado numa recordação palpitante de estrelas”. (ANDRADE, 1991, p. 16).

* A primeira frase do trecho funciona como o indício da teoria para o fato concreto. Ela é o dado teórico do qual se parte para a comprovação utilizando fatos concretos, sendo estes descritos como o que acontece quando ocorre a perda de Mary beatriz. Assim o trecho apresenta relação dos fatos com a teoria.

Exemplo de comentário dos fatos:

Ante um inexpressivo altar, um outro padre rezava em alas vozes inexpressivas. Não era sincera aquela prece. Aquele homem não era sincero. Jorge sentia numa desolação todo o quadro de graças feito para os pequenos consumidores. Lá fora na aridez das ruas, dos quartos humanos, das praças tristes, os homens buscavam à toa os direitos caminhos de Deus. Deus era coo esses bichos de sotaina, covarde e libidinoso, vesgo de julgamento, sedento de vingança. Os seus acólitos, que acolitavam as classes ricas, cínicos, de olhos torvos, festejavam a vida em satíriases ocultas, desmoralizavam inocências numa repetida e cautelosa hipocrisia. Apenas uma consciência formal e duvidosa enrijava os tempos modernos da igreja. (ANDRADE, 1991, p. 21).

*Aqui o enunciador comenta os fatos expressando a ideia que em sobre eles.

Exemplo de generalização empírica:

Discutira com ele. Chamara-lhe pequeno burguês lancinante. E ele- “o grande d’Avelos” – identificara-se subitamente. Era de fato uma formação feudal desarrazoada e monstruosa em pleno século XX. Os seus casos com Alma e Mary Beatriz, a sua are abstrusa, Nora, as esculturas retorcidas, o seu soturno apartamento da lua diária do mundo, oq eu era tudo isso se não recalques, aspirações e sofrimentos de uma subclasse do mundo feudal capitalista que o Brasil ainda não liquidara? Mais nada! (ANDRADE, 1991, p. 58).

*O discurso apresenta amostragens estatísticas da realidade.

- **Dissertação argumentativa**

Exemplo de argumentação opinativa:

Uma operação imprevista, brutal esperava-o no escritório central do engenheiro Garças. Navegavam-lhe brutalmente qualquer indenização pelos custosos trabalhos da cripa que fora recusada a pretexto de modernismo. - Eu o conheço! –

berrou o homenzinho entroncado. zangou-se. O ouro quis pô-lo na rua. Ele então airou-se, bateu. Empregados acorridos de toda parte acudiam. O homem chorava. Tinha a cara ensanguentada, os olhos feridos. Jorge compreendeu que deveria fugir. Procurou a escada, saiu. Sentia-se másculo, sentia-se homem. Talvez a sua atitude o perdesse. Não haveria mais recurso algum. Tomavam-lhe o trabalho sem pagar. No regime capitalista, era assim. Ele se endividara para produzir... Mas sentia-se másculo, sentia-se homem. (ANDRADE, 1991, p. 31-32).

* Após expor os fatos o enunciador expõe argumentos construídos com suas próprias opiniões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando os resultados advindos da pesquisa que deu origem a este artigo percebe-se uma oscilação narrativa. Sendo mais constante nos fragmentos da obra analisados a narrativa espacial. Ela apresenta um destaque em sua submodalidade simbólica. Logo em seguida, a mais frequente é a narrativa sucessiva. E por fim, a mais escassa durante a análise foi a narrativa causal.

Em relação a outra forma de linguagem verbal pesquisada, mais precisamente a dissertação. Assim como na narração, percebe-se a presença de submodalidades diferentes das três modalidades dissertativas presentes nos livros de Oswald de Andrade. Portanto exemplos das tríades narrativas e dissertativas puderam sim ser encontradas na literatura modernista do autor.

Desse modo as principais conclusões giram em torno de: a) há presença semiótica na linguagem verbal sob aspecto narrativo e dissertativo como foi definido por Santaella; b) em livros do autor escolhido para análise, Oswald de Andrade, há presença das duas tríades da linguagem verbal abordadas: narração e dissertação; c) a leitura da obra contribui para enriquecer as bases da estudante de jornalismo através do exercício do texto narrativo e dissertativo, permitindo o aprofundamento na obra do referido autor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. A Escada. São Paulo: Globo, 1991.

_____. Dicionário de Bolso. 2. ed. São Paulo: Globo, 2007.

_____. Memórias Sentimentais de João Miramar. 5. ed. São Paulo: Globo, 2004.

_____. Marco Zero I: A Revolução Melancólica. 4. ed. São Paulo: Globo, 2008.

_____. Marco Zero II: Chão. 4. ed. São Paulo: Globo, 2008.

_____. O Santeiro do Mangue e Outros Poemas. 2. ed. São Paulo: Globo, 2012.

_____. Primeiro Caderno do Aluno de Poesia. 2. ed. São Paulo: Globo, 1994.

_____. Ponta de Lança. 5. ed. São Paulo: Globo, 2004.

_____. Pau Brasil. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003.

_____. Serafim Ponte Grande. 6. ed. São Paulo: Globo, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAFESP, 2013.